



APRESENTAÇÃO
DE ARTIGOS,
ENSAIO DE
GRADUAÇÃO,
RESENHA E FONTE

É com grande satisfação que a Revista Trilhas da História retomou, no último mês, o recebimento de artigos livres, suspenso no início de 2024 em função da grande quantidade de textos submetidos em 2023, e isso só foi possível pelo esforço e pelo privilégio de podermos lançar uma edição especial, a primeira em nossa trajetória de mais de treze anos. Essa edição é especial, portanto, por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque fomos a revista escolhida para abrigar um dossiê de excelência, resultante da V Jornadas do LEGH (Laboratório de Estudos de Gênero e História) e organizado pelas professoras Joana Maria Pedro, Janine Gomes da Silva e Morgani Guzzo, referências incontornáveis no debate proposto para compor o dossiê “Conexões feministas: ensino de história, violências de gênero e mulheres na ciência”.

Em segundo lugar, essa edição se destaca por reabirmos a seção de artigos livres, ensaios de graduação, resenhas e fontes, marcada pela diversidade de textos e temas. Além de voltar a receber os artigos, estamos retomando suas publicações nesse número, já que o último dossiê (História e Patrimônio), em face da quantidade de pesquisadores que atenderam ao seu chamado, não pode comportar outras seções. A edição especial, então, servira a um duplo propósito e nos permitiu atualizar o fluxo de recebimento e publicação de artigos antes do que havíamos previsto. Isso não é pouco, diante da aceleração do tempo e aumento das demandas que temos experimentado.

Por fim, essa edição também é especial pela já mencionada variedade e qualidade do material disposto na seção de artigos livres, de ensaios, resenhas e fontes. Assim, além do dossiê supracitado, estamos publicando seis artigos livres, um ensaio de graduação, uma resenha e uma apresentação de fonte, de modo a fortalecer o aspecto inovador de nosso periódico, que se abre a graduandos, reserva espaço para divulgação de fontes históricas e demonstra a multiplicidade de formatos pelos quais se divulga o conhecimento histórico no ambiente editorial acadêmico. Tudo isso com um arco temático muito amplo, evidenciando como a produção histórica científica tem uma potência inesgotável e plural, apesar de tão poucos recursos e investimentos. Assim temos seguido em nossa revista também, contando com o trabalho abnegado de estudantes e docentes editores, e de tantos avaliadores, que dedicam gratuitamente seu tempo para a tarefa da divulgação da História em um cenário que ainda não apresenta as mudanças que recentemente habitaram nossas

esperanças e lutas. Mas essa potência de luta, de trabalho e de pesquisa se expressa nos resultados que ora apresentamos.

O primeiro artigo a compor a seção é “A Ditadura Militar Brasileira e Migrações Internacionais”, em que Eduardo de Oliveira Soares Real e Vera Maria Ribeiro Nogueira abordam as migrações internacionais para o Brasil no período da Ditadura militar, analisando a legislação do período, a promulgação do Estatuto do Estrangeiro e suas alterações em aspectos políticos e econômicos da época.

Na sequência, o artigo de Ana Priscila de Sousa Sá, intitulado “Varnhagen, o IHGB e a escrita de uma história geral”, traz o processo de emergência da historiografia brasileira e os debates que a forjaram no século XIX, tanto por parte dos associados do IHGB, quanto pela produção e recepção da obra *A História geral do Brasil* (1854-1857), de Francisco Adolfo de Varnhagen. Interessante observar como as querelas no instituto e a obra de Varnhagen, ao buscarem definir uma identidade nacional, também acabam por dar contornos às formas pelas quais os brasileiros produziram e aprenderam História por um longo tempo. A autora mobiliza perspectivas comparatistas, autores referenciais da História da Historiografia e textos oitocentistas para deslindar os dissensos, méritos e as críticas que marcaram a obra do também conhecido como Visconde de Porto Seguro.

O terceiro artigo é intitulado “As Jornadas de Junho de 2013 e a criação do Clube Farroupilha em Santa Maria -RS”, de Marcelo Noriega Pires. O autor propõe uma análise a partir do materialismo histórico dialético sobre as jornadas de junho, com foco nas disputas de diferentes grupos, oportunistas pelos levantes. Ele analisa um caso específico para entender o papel das *Think Tanks* na dinâmica conflituosa de captura ideológica das jornadas e dos acontecimentos ulteriores, incluindo o golpe contra Dilma Rousseff. Para tanto, analisa o caso do Clube Farroupilha, uma associação criada em 2013 por estudantes universitários de Santa Maria - RS que, segundo o autor, “desejavam enfrentar a hegemonia marxista na academia”. Marcelo Noriega argumenta sobre a importância de entendermos o espaço que as chamadas *Think Tanks*, tal como o Clube Farroupilha, têm no fortalecimento da direita no Brasil em sua história recente.

No quarto artigo livre, Renan Santos Mattos nos brindou com o texto “A aula de história e os tempos de reformas: reflexões sobre cenas escolares”, em que analisa mudanças curriculares do ensino de história com foco no aumento de ideais conservadores e da censura moralizante nos espaços escolares. Lançando mão de

relato das experiências profissionais, o autor também debate, de forma sensível, as relações entre estudantes e professores no contexto de tensões em sala de aula, elegendo a aula de história como um cenário potente para a construção do trato democrático saudável entre diferentes posicionamentos político ideológicos.

O artigo seguinte, “Pelos caminhos da música sul-mato-grossense: um estudo bibliográfico”, de Alan Silus da Cruz Silva, é estudo bibliográfico sobre obras que tratam da música sul-mato-grossense, via análise de conteúdo. Não se trata de analisar as músicas, mas de inventariar e convidar os leitores a conhecerem as obras literárias que abordaram as músicas sul-mato-grossenses e suas relações socioculturais com o território. Mas isso não nos tira a deliciosa curiosidade de conhecer mais sobre as músicas e os artistas do estado. O autor fundamentou sua análise em Bakhtin e justificou sua proposta no argumento de que a música regional dialoga fortemente com seu povo nas suas circularidades, e que muitos pesquisadores abordaram a cultura do Mato Grosso do Sul nos campos da arte, literatura, dança, teatro, identidade e formação cultural do homem pantaneiro, mas no que tange à música, foram poucos os estudiosos a se debruçarem. Assim, ele analisa os livros publicados dos anos 1980 até a atualidade, frutos de pesquisas e entrevistas. Deles, extrai as conexões históricas que nos permitem entrever os movimentos culturais da música entrelaçados ao tecido social do Mato Grosso do Sul e chama nossa atenção para a importância de mais estudos sobre o tema.

Para finalizar o conjunto de artigos livres, o sexto texto chama-se “Abordagens, limites e possibilidades no uso de relatos de viagem como fonte historiográfica: considerações a partir da historiografia africanista”, escrito por Fernando Henrique de Almeida Lima. O autor propõe apresentar como essas fontes foram exploradas pelos historiadores e as mudanças operadas, a partir dos anos 1970, pelos movimentos historiográficos no seu trato, com ênfase na historiografia africanista. Fernando Henrique deslinda esse processo e pondera que ao tomarem distanciamento daqueles que classificam os relatos de viagem como simples expressão da subjetividade europeia, bem como daqueles que os trataram como reflexo do real, as novas abordagens expressam a importância destas fontes para o entendimento das complexas dinâmicas relacionais entre africanos e europeus, com foco nas agências dos sujeitos, suas negociações e tensões, face ao imperialismo europeu, numa compreensão que extrapola o perigo de uma história única, como defende Chimamanda Adichie.

Como Ensaio de Graduação, apresentamos o texto “Periódicos Femininos e a Moda no Império brasileiro: 1852-1860”, de Rosiane Rodrigues Luz. A autora analisou periódicos do século XIX para compreender a moda na sociedade brasileira da época, especialmente na Corte Imperial e na província de São Paulo. A partir da leitura das fontes *Jornal das Senhoras* e *O Lirio*, direcionados ao público feminino, ela busca interpretar a moda pelo olhar feminino. Do ponto de vista teórico metodológico, sua pesquisa lançou mão da perspectiva de gênero e estabeleceu uma análise de conteúdo, relacionada às questões sociais e econômicas pela chave do consumo da moda pelas mulheres. A autora nos chama a atenção ainda para a “influência francesa sobre a moda feminina no Brasil Imperial e a participação das mulheres na direção e redação de periódicos em uma sociedade patriarcal e conservadora”. Nem é preciso gostar de moda para reconhecer a riqueza dessa análise, mas se gostar, vai ser um deleite.

A resenha da edição ficou por conta de Luiz Gustavo Alves Lemos dos Santos, que escolheu a obra “Como ser um educador antirracista”, de Bárbara Carine Soares Pinheiro, editada pela Planeta Brasil em 2023. A resenha crítica argumenta que a obra não se resume a um manual didático, mas um debate que propõe a descolonização do currículo escolar como tarefa que exige formação especializada e a disposição de todos os envolvidos. Ele também alerta que não se trata de uma obra restrita ao corpo docente e membros da equipe escolar, mas também aos pais, “percebidos como agentes educacionais que reconhecem a própria responsabilidade no processo e compreendem a urgência de adotar práticas antirracistas em todos os setores da sociedade”. E como bem nos alertou Ângela Davis, numa sociedade racista, é preciso ser antirracista, por isso também nos alegamos de acolher esta resenha.

Finalmente, concluindo o conjunto completo de tipos de textos acadêmicos adotados em nossa revista, temos um texto na seção com Fontes, intitulado “Arquivo da chancelaria da cúria diocesana de Três Lagoas”, em que Vitor Wagner Neto de Oliveira apresenta o processo de organização e descrição do acervo da Chancelaria da Cúria Diocesana de Três Lagoas, ocorrido entre 2020 e 2023, por uma equipe coordenada por ele em trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFMS, Campus de Três Lagoas. O NDH, além de abrigar coleções e acervos documentais atinentes à história social da região, atua em arquivos institucionais em Três Lagoas-MS. No texto, o professor Vitor Oliveira apresenta o arquivo da chancelaria e descreve a experiência de sua organização pela equipe. O arquivo foi organizado e classificado

e a equipe que trabalhou na Cúria, grande parte em meio à pandemia de Covid-19 (tomando os cuidados necessários), buscou respeitar classificações remanescentes para facilitar o manuseio dos consulentes. O autor exemplificou as fichas de classificação e consulta e, do ponto de vista quantitativo, podemos perceber que foi um trabalho de grande fôlego e com potencial de contribuição para a entidade e às pesquisas futuras, uma vez que o acervo agora compreende 32 caixas arquivos, 10 placas com documentos de dimensões especiais e 9 pastas de fotografias. Esses suportes guardam cerca de 7.876 documentos escritos em 14.308 folhas, agrupados em 351 maços, 9 cartazes, 11 mapas e plantas, 19 jornais e ou recortes de jornais com 100 folhas, 55 fotografias e 180 livros de registros diversos. O reconhecimento do NDH como referência para a organização de acervos institucionais fundamentais para a memória desta região é um dos resultados que se vislumbra em uma perspectiva mais global, e com o qual nossa revista se regozija por compartilhar da importância social que o Curso de História exerce na sociedade a que está inserido.

Nesse conjunto rico e diverso de textos e temas, também seguimos esperançosas de vermos nosso periódico impactando a produção e divulgação científica que demanda todo o esforço analógico em um universo em que as inteligências artificiais podem ora facilitar o trabalho com um atalho, ora sabotar os processos éticos que compõem a construção e o espalhamento do conhecimento construído. Esperançamos ainda que os recursos de inovação sejam sensíveis para pavimentar melhor nosso trabalho e nosso compromisso ético com a divulgação científica editorial porque acreditamos que a riqueza expressa nestas páginas é fundamentalmente humana e dependente do nosso trabalho e respeito com estudantes e pesquisadores que terão agora mais uma edição da Trilhas da História a se interpor no diálogo e à construção de tantos novos saberes.

Novembro de 2024

As editoras:

Dolores Puga, Mariana Esteves de Oliveira
Rúbia Dara Leão de Jesus e Wayla Silva Sá